



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE
CURSO EM GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA

Tahise Cordeiro de Oliveira

Brasília/DF

2023

Tahise Cordeiro de Oliveira

EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA E PÓS-PANDEMIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como requisito para a obtenção do título de graduação no Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.
Orientadora: Prof^a Dra. Cristina Massot Madeira Coelho.

Brasília-DF

2023

DEDICATÓRIA

“Dedico a Deus por sempre estar ao meu lado nos momentos mais difíceis deste trabalho”.

À professora Cristina Madeira, pela sua paciência, conselhos e ensinamentos que foram essenciais para o desenvolvimento deste projeto.

Aos profissionais da educação, que em tempos de pandemia, ficaram por muitas noites acordados, pensando em estratégias e maneiras de chegar o conhecimento para as crianças.

Dedico também aos pais, àqueles que trabalham o dia todo e ao chegarem em casa, tiram um pouco do seu tempo para dedicar-se aos seus filhos. Mesmo cansados, conseguem compreender a importância de auxiliar o ensino do seu filho, acreditando no potencial, em meio ao momento atípico como foi o ensino remoto.

Ao meu filho, que muitas vezes estava sem paciência para ouvir sobre o meu trabalho e, mesmo assim, me escutou e colaborou com meus projetos. Ele me dá força, ânimo e me diz sempre o quanto sou capaz de realizar qualquer coisa, pois sou esforçada.

Ao meu namorado Pedro, parceiro que inúmeras vezes, me viu triste e desanimada fazendo o trabalho, mas colaborou para eu concluir meus objetivos, com muita paciência e força, pois sabia dos meus sonhos e história de superação.

RESUMO

Esse trabalho acadêmico tem como intuito refletir sobre questões de diferentes sujeitos, contextos sociais e as experiências das salas virtuais em meio a pandemia. Pretende com isso indicar tanto os desafios das instituições escolares, quanto os desafios dos pais ao auxiliar seus filhos no aprendizado via internet. Enfim, os impactos que o isolamento social no período pandêmico trouxe para os processos sociais que ocorrem no ambiente escolar. Nesse intuito, pretende-se ainda depreender o que podemos tirar como lição e em que devemos melhorar. O procedimento metodológico utilizado foi principalmente a observação participativa, em contextos diferentes: o primeiro relato se refere à uma escola de Educação Infantil de um município da RIDE-DF; os outros três, às turmas de uma escola particular do Plano Piloto em Brasília-DF, resultante de um estágio não obrigatório do curso de Pedagogia. Portanto, a pesquisa realizada para integrar esse trabalho foi desenvolvida ao longo dos semestres correspondentes aos componentes curriculares: Projeto - Projetos Individualizados (PESPE) e Projeto 4, que correspondem aos estágios e que contribuíram muito para a conclusão do trabalho. Do conjunto das observações, foram escolhidos quatro episódios que expõem minhas vivências pedagógicas registradas em um diário de pesquisa: o primeiro, um contexto de ensino antes da pandemia; o segundo, no momento pandêmico; o terceiro, no ensino híbrido; e o quarto, a volta às aulas presenciais. Durante o trabalho empírico, sobressaíram os problemas causados pelo isolamento social e, também, questões de características afetivas que interferiram na dinâmica das relações sociais das salas de aula. Assim, buscou-se a compreensão, naquele momento atípico, de ações pedagógicas para driblar os obstáculos e desafios das adversidades que pudessem surgir e que impediam o caminhar tradicional do processo educacional. Desta forma, o objetivo dos relatos de experiências foi refletir e compreender o que pudemos apreender com as iniciativas para enfrentar os problemas, solucionar os desafios no processo pedagógico e no desenvolvimento educacional antes, durante e depois da pandemia do coronavírus.

Palavras-chave: Professores. Pais. Ensino-aprendizado. Coleta de informações. Pandemia.

LISTA DE SIGLAS

CNE - Conselho Nacional de Educação

GAP - Grupo de Apoio aos Pais

PIB - Produto Interno Bruto

RIDE - Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno

TAG - Transtorno de Ansiedade Generalizada

TIC - Tecnologias da Informação e da Comunicação

UE - União Européia

UNB - Universidade de Brasília

SUMÁRIO

MEMORIAL	7
Parte 1: Minha Formação Inicial	7
Parte 2: Minha Experiência Pessoal na Pandemia	10
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: RELAÇÕES SOCIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR	15
1.2 Relação Social no Contexto Educacional	18
CAPÍTULO 2: APRENDER E ENSINAR: PROCESSOS ARTICULADOS	19
CAPÍTULO 3: ASPECTOS METODOLÓGICOS	21
3.1 Os Recursos	22
CAPÍTULO 4: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS	25
4.1. Relatos de Experiência na Escola de Educação Infantil da RIDE-DF: o Comportamento de Marcelo	25
4.1.2 Relatos de Experiência: Brincando de Comprar	26
4.1.3 Relatos de Experiência: o Teatro	29
4.2 Condições Emocionais e Comportamentais: o pós-pandemia	33
4.3 Relatos de Experiência: a Volta às Aulas	36
4.4 Relatos de Experiência: o Uso das Máscaras	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42

MEMORIAL

Parte 1: Minha Formação Inicial

No início, é uma mistura de sentimentos: medo pelo desconhecido e muitas expectativas. Afinal, existe um caminho a traçar e cada passo significa um a menos para a minha caminhada na graduação. A cada início de semestre são novas descobertas, amigos novos, professores com bagagens de conhecimentos e você no buscar de todo progresso para construir o seu próprio saber.

Há muitas dúvidas sobre como serão os semestres, mas estar em uma universidade pública já é surreal. Fazer todos os trabalhos, ler os textos e participar ao máximo das aulas. Na Faculdade de Educação, poucas matérias aplicavam provas, para a minha sorte. Em provas, me sinto sob pressão, acabo não conseguindo mostrar o meu conhecimento e, por isso, no ensino básico eu fui bastante prejudicada, uma aluna mediana. Já na UnB, a Faculdade de Educação tinha este diferencial: de perceber o seu potencial para além das provas e isso é incrível.

Na universidade, criei laços de amizade que levarei para fora da faculdade. Luana, Júlia, Gabriela Paes, Vitória, Rayssa, Emanoela e Juliana são minhas saudades na UnB. Em momentos e matérias diferentes, elas colaboraram para a minha formação e, de certa forma, me ajudaram a prosseguir, deixando mais leve minha caminhada. E é com muita saudade que deixo registrado todo o meu carinho e agradecimento pela companhia de cada uma delas.

Sou aluna com IRA¹ acima da média, SS² é a nota que mais prevalece no meu histórico escolar. Os trabalhos apresentados em seminários eram os mais sofridos. Apresentar para a turma passava a sensação de tortura, o medo da reprovação nos olhares, medo de falar algo errado e ser repreendido pela professora. Mas com força e coragem, enfrentava esse bicho enorme dentro de mim e no final tudo terminou muito bem.

Após alguns semestres, decidi ir para a prática, procurei estágio na área, encontrei e isso foi de grande importância para o meu percurso na graduação de

¹ IRA: Índice de Rendimento Acadêmico;

² Menção equivalente a uma nota entre 9,0 e 10,0.

Pedagogia. Pude perceber que a teoria aliada à prática toma outros rumos, as aulas se tornaram ainda mais interessantes, já que podia associar a vivência com as falas dos autores que nós estudávamos.

O sonho de sair formada pela UnB, quatro anos e o que vem pela frente? E foi acontecendo... Entrando semestre, as aulas com os professores eram maravilhosas. Muitos sentimentos de gratidão nessa caminhada. E não dá para esquecer as noites em claro, os trabalhos enormes, os colegas com mil matérias e pouco dava a atenção para o seu trabalho. Alunos brilhantes, ideias fantásticas, pessoas com histórias incríveis. A UnB proporciona a todos os estudantes, momentos de autoconhecimento, seja na semana universitária, nos projetos de extensão, nas matérias obrigatórias, nas aulas atípicas com palestras ou até mesmo escritores convidados nos auditórios em palestras.

Tínhamos uma matéria chamada Oficina Vivencial, nela não tinha nada de relatório ou textos enormes pra ler. Não falávamos de autores, nada relacionada ao contexto da educação, e aí? Você deve estar se perguntando o que afinal se fazia nas aulas, não é? Lembro como se fosse hoje, sentados com as cadeiras em formato de círculo, todos compartilhavam suas histórias de vida pessoal até chegar ali e todas as aulas eram assim, cada encontro era vez de um amigo falar sobre si. Suas escolhas, medo, sonhos e, enfim, o sonho de passar no vestibular e concluir um curso superior. Numa dessas aulas, eu chorei com a história de superação de uma das colegas. Ela foi um exemplo e me deu força para seguir. Ao final da disciplina, nosso trabalho era entregar um memorial da nossa vida. E não foi fácil escrever o caminho até ali, altos e baixos de alguém que não tinha nenhuma profissão e se via como ninguém. Um trabalho realizado que ao final me fez sentir curada, como se eu estivesse em uma terapia. Foi gratificante.

Cada professor nos proporcionou uma experiência mágica, seja com um autor em suas falas ou com suas idealizações de vida, até mesmo aqueles com quem eu não concordava e tinha que falar deles e com eles mesmo assim.

Em 2019, participei da pesquisa e extensão, em uma escola de Educação Infantil de uma cidade próxima a Brasília, em que se acolhem as crianças das proximidades, crianças em situação social que nos leva a refletir os conceitos de equidade na educação. Naqueles momentos, senti a certeza de estar no caminho certo para ajudar a ter uma sociedade equitativa. Essas vivências me trouxeram reflexões: é preciso estudar mais o dia-a-dia, para acreditar que na fala ou no ato de

escrever, podemos - caso tenhamos a chance - de fazer diferente. Cuidar dos nossos para ter um amanhã cheio de esperança. Diante disso, percebi a necessidade de entender mais o ensino aprendizagem na relação professor-crianças³.

Nesse caminho para buscar compreender melhor as relações que se estabelecem no âmbito da sala de aula, encontrei a questão histórico e social em Saviani (1994, p. 24): “Para a Pedagogia Histórico-Crítica, a educação é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

Mas, eu me encontrei como educador-escritor em Paulo Freire. Seus textos eram maravilhosos, sua luta pelos operários, pelos que não sabiam ler e, por isso, foram surgindo projetos e como consequência confrontos com os poderosos que os queriam alienados. Lutou na vida e deixou muitos livros que mostram através de palavras o quão era sábio. Suas palavras encheram minha trajetória como futura professora de esperança. Acreditar que podemos sim caminhar para uma sociedade justa para todos!

“O ato de aprender é construir e reconstruir; toda prática educativa demanda a existência de sujeitos que ensinando, aprendem e os que aprendem, ensinam”. (FREIRE, 2011 p. 28).

É válido ressaltar que as discussões feitas em sala sobre os textos lidos, eram muitas das vezes levadas para o estágio.

Bom, como num passe de mágica, o mundo mudou, de hora para outra, sem aviso prévio ou tempo de preparação. E o inesperado aconteceu! Veio o momento pandêmico, me senti prejudicada, pois queria viver a universidade e as mil histórias que ouvia dela. Não procrastinei e estudei o máximo que consegui. Matriculei-me nos dois semestre como monitora, quis colaborar com os professores. Ocupei minha mente e mesmo à distância, estava sempre buscando os meus ideais como universitária. Foi bem complicado, ainda mais quando passamos por grandes perdas. Mas, com muita empatia pelos professores, passei por essa fase e segui firme para o próximo semestre.

³ Ao dar início ao projeto 3.2 no ano de 2020, tive o prazer de participar do projeto de pesquisa nomeado “Compreendendo complexidades educacionais: processos equitativos e transformadores de ensino e aprendizagem em um sistema municipal de educação infantil”, coordenado pela professora Cristina Madeira Coelho.

Como universitária, era preciso pensar no meu tema de TCC. Levando em consideração o momento atípico da pandemia, despertou em mim a curiosidade de entender os impactos que o ensino remoto trouxe para o ensino aprendido das crianças, algo novo, que não entendemos completamente, mas que fomos nos adaptando. Assim, a partir das minhas vivências, surgiu o tema desse Trabalho de Conclusão de Curso: Experiências Pedagógicas em Tempos de Pandemia e Pós-pandemia.

As semanas universitárias eram as mais interessantes como estudante. Nessas, podíamos fazer um *tour* pela UnB, conhecer outras áreas. Era fascinante e agregou muito ao meu modo de pensar sobre questões às quais eu não tinha a menor ideia de como funcionavam. Saía da Faculdade de Educação e ia para a Faculdade de Educação Física. Fui monitora do curso de Psicologia da Educação. E devo dizer: respirar um pouco e voltar renovada para uma nova jornada de estudos faz bem! Sentimento de dever sendo cumprido.

Depois desses quatro anos em que busquei conhecimento complementar para a formação na área de pedagogia e com todos os conhecimentos adquiridos junto aos diversos professores, me sinto preparada para dar início ao processo de ensino e aprendizagem para aqueles que desejam, sejam eles crianças ou adultos. Procuro compreender a realidade social relacionada ao estudante, associando-o ao seu conhecimento e à busca do desenvolvimento integral do indivíduo.

Parte 2: Minha Experiência Pessoal na Pandemia

Como um relato e experiência pessoal, quase um estudo piloto, trago - como Parte 2 deste memorial - a reflexão sobre o vivido como mãe de aluno durante o período da pandemia e suas revoltas com aulas remotas, falta de interesse e o trabalho que precisou ser feito para o desenvolvimento das aulas online, além das questões psicológicas acarretadas pela covid-19.

Todas em relação ao sistema remoto emergencial em que, apesar de necessário para a prevenção da doença, foi estabelecido como restrição do relacionamento social. Assim as questões psicológicas trazidas pela covid-19 precisam ser percebidas pelos profissionais da educação muito mais do que a relação individualizada de uma pessoa.

Como mãe, apresentarei também minha vivência com meu pequeno filho, no ano de 2020: suas histórias e suas dificuldades com os estudos via remoto em meio a pandemia, o desinteresse e a luta contra as milhares distrações que tirava o foco do estudo em casa.

Meu filho se chama Arthur, à época tinha 10 anos e estava cursando o 5º ano. Sempre agitado e popular na escola por se tratar de uma criança comunicativa, se depara com a situação de não poder mais ver os colegas e não socializar mais como antes.

A partir disso, começa a demonstrar sua indignação, não quer estudar, sempre resistente aos comandos e com limitações de acesso. Então, esse foi o nosso primeiro obstáculo, ali estava a chance e a desculpa para não querer estudar mais. “Sempre ouvi que é chato, que não estava conseguindo aprender, porque existe escola? O professor passa tarefa demais!” Ele diz, e se posiciona firme e forte contra esse novo método de ensino remoto.

Sabemos que o estudo é importante para o desenvolvimento humano, tanto para munir-se de ferramentas para construção do próprio saber, quanto para a formação de cidadãos que constroem e colaboram com a sociedade. Todavia, o momento da pandemia exigiu, entre outras coisas, a prática da empatia, pois cada corpo responde de uma forma diferente aos desafios. Eu, enquanto mãe preocupada com a saúde mental do meu filho, por mais que compreensiva com a situação, me via no dever de cobrar suas tarefas feitas, estimular através de diálogo o interesse pelos conteúdos e desafiar a concluir os vídeos propostos, sempre pontuando a importância do saber.

Naquele momento de caos, em meio a pandemia do coronavírus, tinha a ciência de que não seria fácil para uma criança compreender a gravidade de uma doença. Eu tive a sorte de ser estudante da Faculdade de Educação e ter todo aparato para conversar e compreender seu ponto de vista.

Em meio a todos os acontecimentos, percebi a insatisfação do grupo de pais da sala de aula do Arthur com o ensino remoto, suas reclamações e indignação pela forma que o conteúdo curricular seria apresentado para seus filhos.

Com apenas uma aula assíncronas na semana (às quintas-feiras), atividades propostas praticamente todos os dias na plataforma de ensino, vídeos longos, pouco acompanhamento, falta de informação e nenhum meio de comunicação com o professor; a situação causa revolta nos pais e alguns buscam por professor

particular, pois a fadiga pelo excesso de tarefas, a pouca explicação e acompanhamento deixam todos com os sentimentos a flor da pele.

Na plataforma, eram sempre publicados formulários com perguntas para os pais responderem. Acredito que esses serviam para traçar o perfil e entender a necessidade de cada um, mas naquele momento o que se via era a indignação pela falta de comunicação com o professor. O docente, por sua vez, se reunia em um único momento da semana com os alunos, na parte da tarde e com a duração máxima de duas horas. Horas essas que eram utilizadas para discutir todas as atividades da plataforma que seriam dadas na semana seguinte, a fim de sanar dúvidas e saber das dificuldades. Tendo em vista que duas horas não seria tempo suficiente para entender o que cada aluno enfrenta, suas dúvidas sobre as últimas tarefas ou até mesmo sobre as próximas; o foco, as perguntas e as dúvidas dos estudantes se perdiam, já que o tempo que se passava até a próxima reunião era suficiente para que tais questionamentos fossem esquecidos.

Tendo como experiência minha própria vivência na faculdade e minhas dificuldades para compreender certos conteúdos por sua complexidade, eu entendia a importância e a necessidade de ter alguém instruído ao lado para tirar dúvidas e fazer a mediação da aprendizagem. E os vídeos de 20 minutos eram apresentados na plataforma para amenizar essas dúvidas, mas será que eram eficazes de forma a garantir educação significativa para cada estudante?

Então, com diversos questionamentos na cabeça, fui provocada a pesquisar quais os métodos que poderiam deixar o novo normal, esse jeito de ensino mais eficaz e produtivo para os alunos do ensino básico.

INTRODUÇÃO

O tema sobre a pandemia e a educação no mundo vem sendo bastante discutido e, com certeza, ainda sairão muitos artigos, teses e dissertações, por ser um conteúdo sobre o qual pouco sabemos. Os estudiosos, a fim de compreender os imensos desafios que nós passamos, devido ao momento pandêmico, têm procurado, através das pesquisas, trazerem reflexão e também, prevenção pois, nos obriga a pensar em futuras situações e requer análise e estudos sobre casos.

Estamos ainda produzindo conhecimento, registrando o ocorrido e analisando estratégias. Com essa compreensão, o trabalho acadêmico que aqui desenvolvo, tem o intuito de demonstrar parte da minha trajetória formativa em práticas pedagógicas ao longo do período pandêmico. Sobre a minha perspectiva de estudante, a ideia é traçar uma linha do tempo que começa no início de minha formação, com o projeto 3.1, em que o plano a cursar era denominado: Sujeito, Linguagem e Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica em contextos inclusivos.

A pesquisa de campo foi realizada em uma instituição de educação infantil de um município da RIDE-DF, nos dias 04 e 18 de outubro e 08 e 22 de novembro do ano de 2019 com intuito de acompanhar as práticas pedagógicas. A escola fica em uma cidade pequena, próxima a Brasília, com estrutura de pequeno porte. Foram registradas observações sobre a inclusão e a relação entre professor-criança, assunto que despertou a minha curiosidade, no que diz respeito à questão social e ao aprendizado. Esse já foi um momento crucial para escolher o tema deste trabalho final.

Sob orientação da professora Cristina Madeira, docente de projeto 3.1, com leitura de textos em sala, roda de conversas para dialogar sobre o processo da pesquisa e relatório entregue ao final, o projeto teve o objetivo de pesquisar em campo o que era proposto no plano de aula. Durante as quatro visitas à escola, pude me aproximar do processo de aprendizagem e desenvolvimento de crianças com necessidades especiais em contextos educacionais.

Relatos produzidos por professoras em relação às suas experiências, minhas vivências como discente em formação e registros escritos em diário informativo para fomentar reflexões e novos estudos na área serviram de roteiro para os relatos de experiência.

Com o fechamento de todas as instituições de ensino, logo no início do ano letivo de 2020, surgiu a necessidade de ministrar as aulas via internet, através de encontros em aulas on-line. Tendo em vista, que naquele momento era o único método possível devido ao isolamento. Nos encontros on-line, a plataforma *Meet* do *Google*, era preciso ter muita atenção com as novas exigências impostas para o funcionamento do sistema, que no contexto presencial não eram comuns no cotidiano educacional, características tais como essas a seguir, passaram a fazer parte do cotidiano dos docentes na escola:

a) O conhecimento de atividades possíveis de serem realizadas na plataforma de ensino ou por meio de material impresso (como construção de cartilhas, manuais, atividades programadas), de modo a viabilizar efetivamente o desenvolvimento de aprendizagens;

b) A capacidade de manejo da plataforma de ensino, o que envolve, inclusive, a construção de atividades de ensino remoto;

c) O tempo necessário para sequenciar o ensino, planejar e elaborar essas atividades;

d) O tempo para implementar o ensino; e

e) O acesso aos recursos específicos do ensino remoto e a ele pertinentes, como câmera e microfone.

Esses mesmo professores conseguiram driblar condições de ensino no contexto remoto, as diversidades e conseguiram organizar suas práticas com êxito e, apesar de todas as dificuldades, junto com o apoio dos pais que, presenciaram o aprendizado dos filhos. Seguem relatos de professores do curso de extensão.

“Realmente os pais estão acompanhando bem seus filhos. Brincam com eles, muitas vezes toda a família.
As atividades são todas lúdicas com movimentos, expressão corporal e música.”

“As atividades lúdicas de forma significativa são de extrema importância. Sabemos que envolve várias dificuldades.
Sendo que uma delas é dialogar com a família da grandeza, e fazer com que ela (família) compreenda. Por se tratar de aulas com novo formato nos deparamos com muitos anseios.
A família tem dificuldade de entender que brincando se aprende. Creio que é uma das dificuldades de nos enviar as devolutivas.”

Esse relato chamou bastante atenção, porque nos perguntamos qual idade têm essas crianças, não é? Sabemos que a partir de uma certa idade é preciso

muita habilidade para prender a atenção dos pequenos, mas tendo os pais ao lado é possível; quando os pais entendem o trabalho e participam, eles permitem que seus filhos desenvolvam sem saber, da concentração ao lúdico.

“A colaboração dos pais nas atividades está sendo surpreendente... Hoje mesmo em nosso conselho, os pais só foram elogios e agradecimentos ao nosso grupo de professores e direção... Eles disseram que as aulas são divertidas e de fácil compreensão e os filhos estão se divertindo e amando as aulas propostas...”

Visto com bons olhos, há algo bom no aprendizado via remoto, a aproximação das famílias. É nítido no comentário dessa professora a satisfação desses pais com os trabalhos desenvolvidos via on-line por essa escola; significa que foi atingida a meta traçada por esses profissionais da área da educação.

CAPÍTULO 1: RELAÇÕES SOCIAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

De modo geral, no início da vida escolar, a criança é instruída a seguir o caminho dos pais, formar-se, conseguir uma profissão que lhe traga um retorno financeiro satisfatório. Para Paulo Freire, filhos não devem imitar cegamente os pais, mas os mesmos devem testemunhar ações coerentes entre o que se prega e o que se faz, ficando clara a busca com humildade e com trabalho, da educação em uma perspectiva ética e democrática, não assumindo atitudes puritanas. “Moral, sim, moralismo não” (FREIRE, 2000, p. 38).

No entanto, sabemos que para construir uma vida de sucesso é preciso passar por vários pilares, construir relações interpessoais, refletir sobre contextos que devemos seguir e o que nos cabe, pensando no nosso perfil. Buscar o desenvolvimento integral do indivíduo como um todo, não apenas para exercer determinada função.

No momento atual, foi deixado de lado a questão das relações sociais, devido ao isolamento no momento pandêmico, era necessário o cuidado higiênico pessoal, o afastamento social e tudo que pudesse causar a manifestação do vírus.

Nesse período, as pessoas precisavam ter a segurança, e ela manifestava em não ter contato uma com as outras. O cuidado estava em não socializar.

Nesse momento percebemos o valor de cuidar do próximo e da natureza.

Não era mais a economia política que nos preocupava, o medo de perder um ente querido nos assombrou por mais de dois anos. Os políticos preocupados com a economia procuravam meios que não fossem tão prejudicados, mas o assunto principal era a empatia e a cooperação com o próximo.

Após esse colapso ambiental, necessitamos de mudança e pensar em meios que pudessem trazer qualidade de vida e bem estar ao mundo. É visto com bons olhos o conceito do Butão. O Butão é uma nação muito montanhosa, de interior, situada na Ásia, é um país que parece ter parado no tempo, resistindo a todas as mudanças do mundo globalizado. Em sua área, não há restaurantes de fast food, outdoors com grandes marcas ou outras imagens comuns nos países ocidentais. Este isolamento confere ao país um ambiente único que se reflete no seu vestuário, costumes e arquitetura.

O rei do Butão decidiu introduzir uma nova forma de medir o desenvolvimento do país, combinando indicadores econômicos de produto interno bruto (PIB) com

outros que também mediam a felicidade e o bem-estar social do país. Dessa forma, era levado em consideração a saúde mental das pessoas, o meio em que vivia, preocupação com a natureza e a relação social cultural. Esses costumes são ligados à felicidade e fazem do Butão um país único, e de acordo com a ONU um dos melhores lugares para viver, levando em consideração o estado de felicidade.

O país que fica tão distante do Brasil, no que se refere à educação escolar, desenvolve a responsabilidade social por meio da cooperação. No texto sobre o exemplo de Butão, Isaac Roitman(2023) diz que na dimensão afetiva, as crianças constroem atitudes, comportamentos e desenvolvem suas habilidades físicas, socioemocionais e culturais. O intrigante é descobrir que todos esses conceitos são inspirados em um autor brasileiro, Paulo Freire.

Paulo Freire defendeu a tese de que a educação deve valorizar a cultura do aluno admitindo que alfabetizado ou não, o aluno traz para a escola a sua própria cultura, que não é pior nem melhor que a do professor e, conseqüentemente, há aprendizado recíproco. E assim reflete no desenvolvimento do país como mostrado no país Butão, atentando-se para os detalhes da população e que leva em consideração o bem estar e aprendizado de todos.

A expressão relação social remete à interação de vários segmentos, e no contexto escolar, é logo visto como interação entre professor-criança. Pensar na prática pedagógica e elaborar processos de significação do conhecimento não é uma tarefa fácil. O professor tem como objetivo orientar o estudante com estratégias bem sucedidas, a fim de criar estímulos à compreensão em que a reflexão venha do próprio aluno, com o apoio operacional do professor.

Fazer intervenções que visam a compreensão para identificar se o aluno precisa de ajuda e para então auxiliá-lo em suas dúvidas, entender suas relações e quais as possibilidades de usar essas informações como forma de recursos para acompanhar sua motivação, tendo a oportunidade de iniciar um elo forte que possibilite, o caminho do ensino- aprendizagem, corrobora o que diz TACCA:

Podemos também concluir que essas relações repousam em concepções, crenças, histórias de vida e outros aspectos emergentes no processo relacional, que geram as escolhas e opções a serem, necessariamente, feitas. Por exemplo, as concepções do professor sobre a educação, sobre quem são e como pensam os alunos e quais possibilidades é sem dúvida um grande balizador da forma como as relações são constituídas com eles e de como e por que objetivo,

conteúdos e métodos são selecionados. (TACCA. 2008. pg. 48 e 49).

A fala da autora nos faz entender o planejamento pedagógico do professor, a necessidade de analisar o contexto social dos estudantes, suas histórias de vida, seus direitos como pessoas, para assim, trazer para dentro de sala de aula o despertar de interesse de aprender e produzir conhecimento sobre o conteúdo apresentado, perceber os eixos transversais para progredir e evoluir, fazer conhecer para aprender.

1.1. Relação Social no Contexto Educacional

Assim, as relações sociais que acontecem no ambiente escolar, com professor-criança, exigem a compreensão do quanto é importante a boa convivência e confiança entre ambos. A educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda (Paulo Freire 2000). Os resultados de ensino e aprendizado passam a ser como progresso do desenvolvimento do processo da criança; e a confiança estabelecida com diálogos e afetividade passa a ser compreendida no seguimento de significação da aprendizagem.

De acordo com Tacca (2008), a preocupação sobre o fracasso escolar nos leva a entender a interação entre professor e alunos, e seus desdobramentos podem trazer novas cooperações. Para construir interações entre professor e aluno, o espaço pedagógico deve ser preparado. Como função, é designado ao professor desenvolver junto com o planejamento político pedagógico, estratégias motivacionais a fim de criar relações sociais, para a partir daí solucionar adversidades futuras que possam comprometer a participação ativa dos alunos.

É importante destacar que os vínculos ficam ainda mais fortes quando se percebe que o aluno é compreendido em seu meio social, suas crenças, histórias de vida e outros quesitos relacionados à realidade social, esse processo de ser compreendido e estabelece vínculos que podem desabrochar no sentimento de superação de obstáculos no processo de conhecimento.

Portanto, para uma criança aprender, ela precisa ter um relacionamento de confiança com seu professor; isso significa muito para ela, pois fortalece e

potencializa o seu interesse e compreensão do conteúdo. “ Se aprende na relação com o outro, no diálogo com outro, na aproximação dele com o conhecimento do outro”. (Paulo Freire 1996, pagina 16)

Nessa perspectiva, os recursos interacionais como diálogo, observação, atividades que possam ser desenvolvidas em sala que levem a refletir, repetir comandos várias vezes para compreensão do mesmo, ouvir indagações, valorizar seus pontos de vistas, propor situações e demonstrar interesse por suas posições de argumentos, são possibilidades consideráveis para o sucesso na apropriação do aluno em sua vida educacional.

No plano de Base Nacional Comum Curricular do ensino fundamental diz:

As linguagens, antes articuladas, passam a ter *status* próprios de objetos de conhecimento escolar. O importante, assim, é que os estudantes se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem perder a visão do todo no qual elas estão inseridas. Mais do que isso, é relevante que compreendam que as linguagens são dinâmicas, e que todos participam desse processo de constante transformação (Brasil. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular, 2017, página 63).

O desafio maior é construir estratégias pedagógicas que darão propriedades para as crianças em seus processo de relações. Pensar no planejamento pedagógico atentando-se para os conceitos importantes para a formação da criança, com identificação do nível de conhecimento, etapas de cada um dentro de sala, desenvolver técnicas com mediações que fornecerão base para o entendimento e compreensão do conteúdo.

CAPÍTULO 2: APRENDER E ENSINAR - PROCESSOS ARTICULADOS

O professor, como profissional que busca desenvolver a aprendizagem a partir do contexto do aluno, necessita sondar qual a melhor maneira de atrair a atenção para o conteúdo, trazer consciência, observando como cada criança responde aos estímulos apresentados.

Paulo Freire dizia que para compreender a Pedagogia Social precisa ultrapassar os muros da escola e perpassar por toda a sociedade atuando em diversos locais, buscando sempre contribuir para a formação do ser humano e para o desenvolvimento do ser crítico e social, capaz de questionar e entender o mundo à sua volta.

Falar na aprendizagem e não pensar na subjetividade de cada indivíduo é como ignorar a singularidade e trazer padrões para o ambiente educacional. A partir do século XIX prevaleceu um modo instrumental do processo de construção do conhecimento, uma abordagem mecanicista em que o sujeito não seria capaz de demonstrar suas ideias, sendo mero reprodutor do conhecimento e portanto, reconhecido apenas pelos aspectos cognitivo-intelectual da aprendizagem.

Conforme ensina Paulo Freire, o estímulo à participação dos estudantes na escola é extremamente importante para a assimilação do que é ser cidadão e cidadã, e para sentir-se sujeito do processo educacional.

A criança quando se apropria e entende o conteúdo apresentado em sala de aula ou em qualquer lugar que a faça movimentar-se, ela constrói pontes que podem ser levadas a lugares de obtenção do saber.

Cada sujeito possui formas específicas de receber e absorver qualquer informação. Desse modo, a singularidade, vem como forma marcante no contexto do indivíduo que aprende. É relevante citar que a aprendizagem é vista como mecanismo de desenvolvimento atrelado aos processos sociais da instituição escolar.

Dessa forma, aprender vincula em unidade processos sociais e individuais em que não há relação direta de causa e efeito ou determinação entre eles.

Assim, pode ser pensada tanto em relação a aspectos intelectuais-cognitivos, operacionais, ou a aspectos espaço-temporais, como a arrumação da sala de aula, onde acontecerão momentos reflexivos e muitas conversas em grupos.

Aprender conteúdos relacionados ao seu contexto social faz com que a aprendizagem seja mais fácil de ser absorvida, traz motivação, pois a reprodução de conteúdos que não incentivam o pensamento reflexivo sobre sua vivência, deixa o indivíduo desinteressado.

Questionamentos e reflexões inseridas no diálogo podem colaborar para o surgimento de dúvidas e com essa hipótese, objetiva a obtenção do conhecimento.

Quando pensamos no conceito de aprendizado, supomos que tiveram muitas dúvidas, reflexões, conclusões ou até mesmo as críticas, para chegar em um consenso final.

O aprendizado não é resumo transferido, ele é dialogado, discutido, vivenciado, experimentado, associado para assim ter sua compreensão de fato. E todo conteúdo necessariamente precisa de uma representação geral, a fim de organizar os pensamentos e concluir seu entendimento recebido.

Compreender como o sistema funciona e transmitir ao sujeito, entendendo que não é apenas pelo intelecto que ele aprende, é de suma importância para o seu progresso.

Para Piaget, para que haja interesse de aprendizagem é certo, prever que os aspectos afetivos são como combustível e as chamadas de energéticas, pois nenhum indivíduo procura resolver alguma questão que não gosta. Mas não como o motor da ação. Piaget diz que o gostar de algo ajuda na compreensão, mas entende que o indivíduo, gostando ou não chegará na mesma conclusão dos demais, pode até demorar no percurso, mas o resultado final é o mesmo.

O aprender é um conjunto de contextos que observados estão em relação de complementaridade, um complementa o outro e assim representa suas definições em uma operação lógica.

CAPÍTULO 3: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Com a matéria de projeto 3.1, da professora Cristina Madeira surgiu a oportunidade de observar de perto a realidade de uma escola pequena e pude relatar, dentro das minhas expectativas como futura pedagoga, situações que já conhecia nas comunidades, pela leitura dos textos. E, esse suporte possibilitou um melhor estudo para a prática, com melhores resultados.

A escola é de pequeno porte e atende crianças que moram perto, chegam de ônibus, são vários na porta da escola. É um ambiente limpo e agradável para o ensino, local harmonioso e preparado para receber as crianças de modo geral, apresentam contexto e defasagem cultural e social.

Na escola são desenvolvidos diversos projetos para e com as crianças a serem capazes de lidar com desafios individuais e coletivos.

Como já foi dito, o trabalho exposto neste TCC, foi sendo desenvolvido no decorrer dos semestres curriculares, em atividades chamadas de Projetos que compõem o currículo cursado. Assim, cada semestre cursado em 1- 2019, 1 e 2-2020 e 2- 2022 corresponderam a etapas da pesquisa que culminou neste TCC, como mencionado na introdução. Neste Capítulo, será apresentado o primeiro momento da pesquisa realizada no projeto 3 em 2019. Em seguida, abordo episódios relativos ao retorno das crianças às aulas e sua saúde psicológica e aos relatos de vivência em escola particular, em salas de aula em que eu estagiava.

3.1. Os Recursos

Para realizar a pesquisa sobre o tema escolhido, as atividades realizadas em instituição de Educação Infantil de um município da RIDE-DF, com a matéria de projeto 3, no ano de 2019, foi de grande importância, pois nela tive a oportunidade de observar de perto a realidade escolar e foi possível relatar também, situações que já imaginava que existiam dentro daquele contexto social. Em sala de aula, fazia anotações de situações que identificava como inclusivas, que foi o caso do Marcelo¹.

Nesta experiência, não consegui deixar passar despercebido outras questões sociais, que me chamavam a atenção. Algumas crianças, vinham até mim, a

descrever suas vivências, muitas das vezes sobre problemas da própria família, em casa. Nesse momento, me mantinha atenta ao que era dito, pois via ali a necessidade de falar e maior ainda, a necessidade de que alguém as escutassem, como se fosse um pedido de socorro para aquela situação narrada.

A esperança estava ali entre quatro paredes, o refúgio era a professora que lecionava e era vista por alguns como a protetora, aquela que poderia cuidar e direcionar sempre em prol do bem, ou até mesmo um futuro melhor.

As atividades trouxeram também, a reflexão sobre alguns casos para pensarmos sobre educação e o meio social, o quanto o ensino-aprendizado e no processo de se tornar adulto perante a sociedade. A partir dessa situação, surgiu o interesse de aprofundar mais no assunto das relações sociais, e me preparar melhor para futuramente ter respostas mais efetivas para atender pedidos de socorro como aqueles, e quem sabe ajudar aquelas e outras crianças a terem as ferramentas necessária para enfrentar qualquer adversidade da vida, formando cidadão de forma integral. Dessa forma, comecei a dar uma atenção maior à questão do relacionamento entre o professor e o aluno em sala de aula, procurando entender como esse relacionamento pode contribuir para a formação integral do indivíduo, a buscar condições melhores para um vida mais igualitária e com equidade de possibilidades.

O semestre seguinte foi bem atípico devido à pandemia. Nós, estudantes de todas as áreas e modalidades, ficamos sem aulas, e para ultrapassar as barreiras desse momento, onde não era possível nos reunir pessoalmente, nos projetos ficaram organizadas as aulas remotas. Na pesquisa, foi organizado um curso de extensão para professores/es do municípios da RIDE-DF onde a pesquisa acontecia que ocorria via plataforma do Meet, com um encontro semanal, nas terças feiras, às 14hs

Em cada módulo, as aulas aconteciam em 4 encontros on-line, com duração de 2 horas e 45 minutos cada. Para considerar um conjunto de elementos que garantissem o pleno desenvolvimento do que havia visto nas aulas do curso de extensão, e, também, para dar continuidade à pesquisa, foi pensada metodologia que em que grupos fossem utilizados. A ideia era, dialogar sobre experiências vividas desse momento e abrir novos canais de escuta sensível com as professoras da Educação Infantil.

Assim, foi determinado cinco grupos pequenos com professores, com no máximo seis professores, e a fim de haver a interação para que todos pudessem participar pois eram as professoras que debatiam nas rodas de conversa. A roda de conversa se constituiu, com o procedimento complementar de pesquisa que explora e avalia as experiências dos participantes.

Eram momentos de grande compartilhamento, ali todas poderiam falar de situações vivenciadas, desabafar e ter apoio de outras professoras, sentiam-se aliviadas pela fala. Mencionada até como um momento de grande importância, pois segundo elas enfatizava, no grupo elas poderiam trocar experiências e saber que não estavam sozinhas.

Declararam seu amor pela profissão e com as crianças procuravam desenvolver o trabalho pedagógico da melhor forma possível. Como aluna, fui anotando suas experiências e imaginando suas trajetórias como profissionais da educação e sabendo dos desafios que terei pela frente.

No ensino híbrido no ano de 2021, foi momento em que precisaram se organizar para a volta às aulas presenciais. Para este trabalho, irei descrever brevemente o caso de Igor², um garoto de 12 anos, pequeno no tamanho, passando por situações assustadoras, ele se vê em meio a crises de pânico ao chegar na escola. Para os pais é uma situação desesperadora, não há remédio que cure. E falta de informação, o que traz sentimento de impotência. O que podemos fazer? Onde procurar ajuda nesse momento tão difícil?

No estágio, no ano de 2022 a observação foi com mais dois casos para compor esse trabalho final de curso, o primeiro será o caso da Melina², falarei de sua dificuldade de socialização, pouco desempenho nas atividades de sala e o medo de tirar a máscara.

Em um segundo momento, pude observar e anotar questões sobre Romeu, aluno de primeiro ano do ensino fundamental, traços de uma criança com alguma especificidade que estava sendo investigada pela família. Romeu não socializa na escola, na maior parte estava sempre só, acabou o ano e não teve vínculos com os amigos. Gostava de estudar em casa fazia indagações sobre o ensino presencial demonstrando falta de interesse nas aulas de forma geral.

O objetivo de relatar o caso de cada um desses estudantes está em buscar entender melhor cada momento vivido do processo ensino-aprendizagem em meio a pandemia e ao retorno pós-pandemia, analisar o contexto social articulado aos

diferentes momentos da pandemia e relações sociais. Compreende-se, que desta forma podemos tentar amenizar o sofrimento e trazer leveza no meio educacional dessas crianças.

CAPÍTULO 4: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

4.1. Relatos de Experiência na Escola de Educação Infantil da RIDE-DF: o Comportamento de Marcelo

Em uma instituição de Educação Infantil do município da RIDE-DF, conheci Marcelo um garotinho de 5 anos com laudo de TDAH e suspeita de superdotação, ele é acompanhado pela auxiliar de sala há 2 meses. Em sala de aula mostra-se bastante agitado, bate na mesa, empurra tirando-as do lugar, chamando a atenção de todos com o barulho.

Marcelo, fazia gestos com as mãos, enquanto andava pela sala. Observava as atividades dos colegas, atento se surgisse uma oportunidade, pois logo estava ele lá sendo o motivo da atenção dos professores. Como era esperado, a professora auxiliar sempre intervia, tentando evitar que sua agitação atrapalhasse o desenvolvimento da aula. Seus comportamentos e suas atitudes, eram momentos de agitação para todos em sua volta.

A professora auxiliar de turma, buscava desenvolver um trabalho pedagógico estratégico com a finalidade de atender às particularidades de Marcelo. Desenvolvia atividades elaboradas em outro espaço, na sala ao lado da que ele estuda diariamente, pois na escola não havia sala de recurso apropriada para desenvolver o trabalho pedagógico específico.

Com o passar do semestre e os trabalhos desenvolvidos em sala de aula e fora dela, a auxiliar e a professora de sala relataram que viram progresso no acompanhamento. Como foram poucos os dias de observação na escola da RIDE, fiz algumas perguntas para as professoras a fim de obter mais informação sobre o menino. Elas disseram que Marcelo estava bem melhor, seu comportamento havia melhorado, e no aprendizado segue conforme o planejamento pedagógico. Sua socialização com os colegas também está mais tranquila e conseguiu alcançar as metas traçadas do ano letivo.

Logo, pudemos perceber a importância de um trabalho pedagógico que possibilite que as crianças sejam aprendizes e autores bem sucedidos. Dessa forma, favorecem principalmente, a formação das crianças como pessoas que reflitam, escutem, observem e saibam relacionar-se e se beneficiem do conhecimento adquirido na escola.

4.1.2 Relatos de Experiência: Brincando de Comprar

Pensando no desenvolvimento da criança, as turmas de primeiro ano daquela escola estavam desenvolvendo o projeto, sistema monetário. Nele são entregues carteiras de dinheiro feitas de papel para os alunos.

Realizando as atividades, não faltaram aula, fazendo os trabalhos de casa, observando também o comportamento em sala eram critério para que, no final de cada semana, receberem em dinheirinho, cédulas impressas de brincadeira, para no fim do projeto monetário, comprar vários brinquedos e objetos diversos no mercadinho que aconteceu no dia 4/10/2019.

A única responsabilidade era cuidar da carteira com os valores recebidos e trazê-la todos os dias para a escola, pois, a cada dia eram entregues cédulas, dinheiro feito de papel, referente à alguma atividade, por exemplo: hoje ganharão R\$ 10,00 reais aqueles que tiveram feito a lição de casa, e assim era feito. Só ganhava os R\$ 10,00 reais quem tivesse com a tarefa de casa pronta e assim, eles colocavam o valor na carteira.

No mercadinho havia saquinhos com pipoca doces, copos, livros, salgadinhos, brinquedos, bonecas, carrinhos, bolas e brinquedos. Alguns com valores altos só para aqueles que conseguiram guardar e juntar todo o dinheiro que foi entregue. O intuito é de entender o sistema monetário, a importância de cuidar dos seu dinheiro, e de ter responsabilidade com sua carteira.

O sentimento de todos era aparentemente de ansiedade e também de felicidade por terem a oportunidade de comprar algo que não sabia o que era, por ser um projeto que promovia o merecimento através do comportamento e desenvolvimento em sala. Toda essa dinâmica, fazia daquele evento um momento ainda mais valioso. Ainda que pequenas eram independentes, assim, a atividade do mercadinho encheu seus rostos de euforia e muitos risos de felicidade e de descontração para todos os presentes.

FOTO 1: O mercado



Fonte: Acervo da autora

FOTO 2: O mercado 2



Fonte: Acervo da autora

FOTO 3: O mercado 3



Fonte: Acervo da autora

4.1.3 Relatos de Experiência: o Teatro

No nosso último dia de pesquisa presencial em campo no dia 22 de novembro de 2019, foi um dia mega especial. Fui até a sala da professora cumprimentei a todos, como sempre fazia e voltei para junto das minhas colegas de faculdade. Por ser o nosso último dia, estávamos bem ansiosas e com o coração partido pela despedida, porque dias antes havíamos preparados para este evento final, acredito que isso contribuiu para o nervosismo.

Estava um clima de festa no ar, as meninas montaram um cenário para a apresentação da peça que aconteceria no pátio para toda a escola. Nós da pesquisa, havíamos preparado todo o material do cenário para esse projeto de encerramento que foi confeccionado com muito amor.

FOTO 4: Bastidores da peça: a descontração



Fonte: Acervo da autora

FOTO 5: Máscaras confeccionadas



Fonte: Acervo da autora

O mestrando que participou da pesquisa era profissional da área da saúde e organizou a dinâmica sobre a importância da alimentação. Dentro desse tema foi apresentado a peça, uma pequena história chamada O SANDUÍCHE DA MARICOTA. E nosso grupo de graduação confeccionou as máscaras para o espetáculo, a fim de mostrar a importância da alimentação saudável.

Neste projeto literário e de fechamento do semestre, tive o prazer de contracenar como personagem principal de uma história infantil, junto de colegas da UnB. Eu representei a galinha Maricota, que prepara um sanduíche. Mas, antes de conseguir comer, a bicharada toda começou a chegar e dar palpite para tornar o sanduíche da Maricota ainda mais saboroso, gostoso e principalmente saudável.

FOTO 6: Apresentação: A galinha Maricota



Fonte: Acervo da autora

As crianças participaram muito e teve bastante palpite no sanduíche da Maricota por parte das crianças, foi uma gritaria, todos bem ofegantes e ansiosos para finalizar o sanduíche e ver o final da história.

Ao finalizar a peça O SANDUÍCHE DA MARICOTA, depois de muitos risos e participação da plateia, nos aproximamos das professoras, para ajudar a servir as crianças. Depois de tantos dias, nos sentimos uma delas, muitos risos e muito atentos a palestra, o assunto agradava a todos, era sobre comida, as crianças logo ficavam ligadas e participativas, mostravam-se dispostas a aprender.

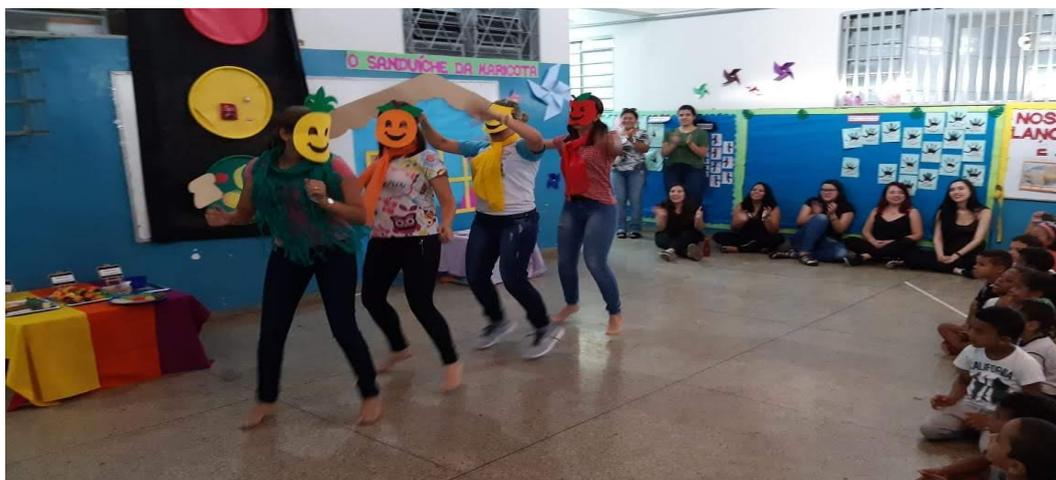
FOTO 7: Participantes do Projeto de Extensão pela Unb



Fonte: Acervo da autora

As professoras elaboraram uma apresentação, cantada e interpretada, onde cada uma representava uma fruta, e se divertiram muito com as dancinhas.

FOTO 8: Momento da dança dos professores



Fonte: Acervo da autora

Para comemorar o fim desse projeto, foi preparado uma mesa com alimentos saudáveis: maçã, laranja, manga, banana, mamão, goiaba e abacaxi. Todas as frutas bem cortadas e expostas para serem servidas aos alunos.

Todos bastante contentes, afinal comer frutas é uma delícia, junto com aquela música que todos sabiam a letra, e em uma só voz, pude perceber a união daquele grupo, daquela escola na periferia, que diante da dificuldade do pouco recurso, mostra-se uma escola acolhedora e que funciona com os métodos aplicados.

Chamo a atenção para a dancinha em particular, algo que contagia, me vi tomada de um sentimento de alegria e fui dançar também. A escola não é só um lugar onde as crianças vão aprender conteúdos. Vi ali compaixão para com o ser humano, um lugar para o desenvolvimento integral, podendo ser também um lugar de acolhimento, e foi assim que todas nós, alunas da Universidade de Brasília, nos sentimos.

4.2 Condições Emocionais e Comportamentais: o pós-pandemia

São diversos os sentimentos no pós-pandemia. As vivências são compartilhadas e os acontecimentos se atropelam. Todos podem relatar momentos de angústias e histórias tristes sobre o período de isolamento na pandemia como: ansiedade, transtornos psicológico, depressão e doenças que não existiam antes da pandemia.

É conveniente dizer que o Brasil permaneceu quase dois anos com escolas públicas e privadas fechadas, utilizando ferramentas tecnológicas, como forma emergencial para a realização das aulas remotas. Em 2021 os casos de pessoas com covid-19, caíram e, passada a fase de maior contágio, foi preciso reorganizar o processo educacional para a volta às aulas, pensar nos conceitos e práticas de ensino e aprendizagem.

Começa então, a volta em formato híbrido. O termo “metodologia **híbrida**” vem da expressão inglesa “blended learning” e se refere aos cursos que conciliam o acesso remoto a aulas e recursos didáticos clássicos com a excelência do **ensino** presencial. (BRASIL, 2001)

E assim foi feito! Dividindo a turma em dois grupos, com aulas semanais alternadas. E como esperado, questões sobre a volta foram surgindo.

Igor na época com doze anos, teve sua primeira crise logo no retorno, frio na barriga, medo, tremores, taquicardia e pensamentos negativos, choro e sensação que vai morrer, como reação a sua agonia de estar em um lugar em que não se sente mais confortável. A resposta da escola foi atender à situação do menino e organizar atividades para serem feitas em casa por meio remoto.

A escola, o lugar acolhedor, segunda casa das crianças, não é mais segura

aos olhos de Igor. Sua mãe, sem reação, o levou para a casa, e lá acalmando-o tenta compreender o motivo que o levou a ter esse momento de pânico. Mas, como responder a algo que não sabemos o porquê?

Orientada pela coordenação da escola, Rute, mãe do Igor, procura ajuda. Ela leva seu filho a sessões com psicólogo, acreditando que ali ele receberá a ajuda que tanto precisa e assim verá o progresso no seu filho.

Depois de observado, analisado e muito estudado, tanto o caso quanto as relações em família, a busca de como foi o isolamento em meio a pandemia, o ambiente de afetividade em que ele convive, sai o laudo que confirma presença de conflitos emocionais, agressividade, impulsividade e insegurança. O isolamento da quarentena, em casa, exigiu que ele convivesse com o relacionamento dos pais que não era de tranquilidade, pois eles discutem e se ofendem no dia-a-dia, transformando a casa em um local de brigas e confusão.

Com as sessões com psicólogo, é constatado que Igor tem Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG). De acordo com esse profissional é um distúrbio caracterizado pela “preocupação excessiva ou expectativa apreensiva”, persistente e de difícil controle, que perdura por seis meses no mínimo. Diante disso, é aconselhado que a família participe do Grupo de Apoio aos Pais (GAP). Com o propósito de melhores condições e fortalecimento emocionais, diretamente ligado no contexto escolar e família que afetou Igor.

Dessa forma, visto que o trabalho desenvolvido pelos psicólogos trouxe resultado, eles souberam reverter a situação e paulatinamente Igor começa a ser reinserido no ambiente escolar. Em modo remoto, Igor continua com as aulas e sendo acompanhado por psicólogos, ele não tem mais crises. E logo volta às aulas presenciais.

Nesse contexto nos deparamos com consequências do isolamento, onde a família do Igor, em meio a diversos conflitos, interfere emocionalmente no seu processo de aprendizagem. Ele se fecha no seu próprio mundo interno e não consegue compreender situações ao seu redor, sentimento de isolamento que transparece para o seu cotidiano escolar.

O psicólogo compreende esse descontrole e interfere de maneira profissional

com o intuito de fazer Igor voltar ao seu habitual. Com sucesso, ele retoma as aulas híbridas como forma de se inserir aos poucos no contexto educacional. Assim os professores buscam trabalhar com material de forma online, desenvolvendo atividades para Igor, para ele não ficar tão atrasado em relação aos seus amigos de turma. Mas, há relatos de semanas sem trabalhos de casa devido às questões técnicas. A professora não conseguiu anexar atividade na plataforma e desse modo não foi concluída as atividades da semana.

As sessões com o psicólogo continuaram, através delas foram observados os avanços de Igor, sua melhora era notável. Sua mãe contribuiu com o processo de melhora dele, e entende a importância de incentivar Igor a estar bem e assim, voltar a sua rotina como estudante. E assim aconteceu.

Nesse contexto da história de Igor, observamos também as dificuldades dos profissionais da educação para o momento em que a escola entra no formato híbrido.

O momento atípico na pandemia, nos mostrou a importância do profissional estar preparado para usar a tecnologia. Professores sem experiências com as tecnologias, tendo que aprender para desenvolver o ensinar e assim concluir o seu trabalho como docente a meio ao caos, aprender para ensinar.

Como incluir o aluno quando o próprio professor procura ser incluído? Questionamentos são feitos a todos os momentos a fim de procurar saídas. Muitos professores, nesse momento de pandemia, pediram ajuda dos filhos em casa, arrumar a câmera, ligar o microfone ou até mesmo criar uma sala de aula virtual.

Rotina que não é habitual sendo desenvolvida e aprendida na prática. O Conselho Nacional de Educação diz:

Esse cenário já trazia as mesmas evidências na década passada, revelados no pensamento de José Moran, propondo a Educação Híbrida como conceito chave rumo à preparação para o futuro. O autor já realçava a importância do hibridismo, revelando e reforçando as ideias de que o processo educacional era, por natureza, flexível e híbrido, desenvolvido a partir da combinação de vários espaços, territórios virtuais, agendas, tempos, atividades, metodologias, linguagens textuais, verbais, corporais, digitais e públicos. Não resta dúvida de que os currículos precisam ser mais flexíveis, permitindo ações personalizadas em favor de melhores resultados de aprendizagem, além de admitir-se o reconhecimento de conhecimentos adquiridos por meios informais e não formais, ao longo da vida. Conselho Nacional de Educação (CNE 07 de julho de 2020)

Ignorar os últimos acontecimentos é dizer para nós que estamos retrocedendo. São necessários projetos inovadores que levem os profissionais da educação a pensar em novos conceitos para o desenvolvimento da aprendizagem atrelada à tecnologia, usando essa ferramenta como forma de chegar ao conhecimento a todos que dele deseja aprender. A educação híbrida reforça essa ideia, a ideia de educação ao alcance de todos.

4.3 Relatos de Experiência: a Volta às Aulas

Com muita cautela, as aulas retornam aos poucos, primeiramente de forma híbrida, por meio da análise de como estamos em relação às pessoas infectadas, finalmente podemos retomar nossa rotina, e assim dar seguimento ao retorno.

Como auxiliar de sala, observando o processo de alfabetização, há a necessidade de muitas intervenções em prol de alguns estudantes. Romeu, é um menino muito querido pelas auxiliares, carinhoso e atencioso, o intrigante é que não tem vínculo de amizade com os colegas de sala, na maior parte das aulas sempre está só, adora desenhar e sempre conversa com as auxiliares de sala apenas, comenta sobre seus diversos filmes favoritos, seu linguajar é bem peculiar, 7 anos e com um inglês de invejar qualquer adulto. Ele não gosta muito das aulas de educação física, alguns amigos não o tratam bem, e isso dificulta a sua socialização com os demais.

Em sala, tem muita dificuldade em terminar as tarefas, mostra pouco entendimento dos conteúdos apresentados, e precisa sempre de intervenção de uma auxiliar. Observei ao acompanhá-lo nas tarefas, que sabe fazer, e nesses momentos, surgem os pensamentos de que Romeu possa ser mais uma criança que pode ter alguma especificidade, como por exemplo TDAH. Chamam bastante a atenção dele, por mexer nos materiais dos colegas, até o celular da professora dentro da bolsa ele já pegou. Sente a vontade para mexer nos materiais das professoras, mesmo sabendo que não pode.

Quando questionado, age como se nada tivesse acontecido, poucas vezes mostrou algum sentimento de arrependimento por algo que fez. Ele é sempre buscado em algum lugar para junto da turma, não gosta de interagir com os colegas e diz sempre, não gostar dos amigos de sala. E diz.

Romeu. Por que não posso mais estudar de casa?

Nesse momento aproveitei para questionar.

Professora. Qual é o motivo de você gostar de ficar em casa estudando? Aqui é bem mais legal, aprende brincando com seus colegas e tem muitas coisas divertidas nas escolas, você gosta de mim?

Romeu. Sim, muito (e abri os braços como para me dar um abraço).

Professora. Se ficasse em casa a gente não ia se conhecer (Mesmo com a argumentação, não se mostrou convencido, e fez uma expressão de descontentamento no rosto).

Ao decorrer do ano, Romeu não progrediu na socialização com os amigos, o via sempre sozinho nos intervalos, e isso me trouxe inquietações. O que poderia fazer para que ele se sentisse incluído e quisesse também ser incluído? Ao final do ano letivo, pelas muitas queixas da família, Romeu irá mudar de sala.

Amigos de sala de aula que ele acompanhou desde o maternal, amigos com quem por mais que ele não esteja interagindo, dividiram experiências de aprendizagem e socialização em sala de aula.

O profissional docente fica responsável por observar questões como essa do Romeu, e criar meios para o envolver e possibilitar socializar, seja por meio de atividades, conversas ou projetos que os incluam. Ao interagir, explicar, argumentar e principalmente ouvir, as crianças modificam suas formas de agir.

Estar em casa, no conforto do lar, assistindo as aulas online e sentado no sofá é mais aconchegante. Foram dois anos de pandemia, as crianças ainda estavam iniciando sua vida de estudante, não se habituaram com a rotina de ir para a escola, sentar em uma cadeira, com a hora de entrada, intervalo, lanche e saída.

Momento novo em sua vida, para alguns esse processo demora e leva um certo tempo para a aceitação da rotina que é impactante para o estudante que inicia sua vida de estudante, e não podemos deixar de acrescentar a pandemia que veio e fez parte do cotidiano dessa criança e o deixou acomodado na rotina de assistir aulas online em casa. .

4.4 Relatos de Experiência: o Uso das Máscaras

Em março de 2022 as aulas voltam a ser presenciais. As máscaras, no entanto, continuam obrigatórias em todo o território do Distrito Federal, em respeito à [Lei Distrital nº 6.559/20](#). Os profissionais da educação continuavam obrigados a usar a máscara. Há muita atenção por parte das professoras para as crianças não se abraçarem e não compartilharem lanches. As conversas a todo momento, buscavam trazer conscientização aos pequenos.

Até que no decreto nº 43.072, publicado em 10 de março de 2022, a Secretaria de Estado de Educação esclarece que o uso de máscara facial não é mais obrigatório para os estudantes da rede pública e privada de ensino.

Mas, Melina, aluna com sete anos do primeiro ano do ensino fundamental, criança tímida, no decorrer do semestre tem dificuldades em deixar de usar a máscara, não consegue explicar o desejo de estar com ela, mostrar-se, através de gestos, sentir-se coagida pelos comentários e esforços dos próprios pais.

Para ela, tirar a máscara vira uma missão impossível. Na escola tem dificuldade em aprender alguns conteúdos, pouco socializa com os colegas, passa a impressão que todos à sua volta tentam tirar sua privacidade, e fica reservada a não responder comando algum. Não se sente segura em deixar a máscara sequer para comer, no horário de lanche.

Os pais já se reuniram com a professora e relataram sobre a questão da insegurança de Melina em deixar de usar a máscara. Sendo uma das poucas a ficar com a máscara em sala de aula, em momento de socialização, é observado que Melina não tem vínculo de amizade com muitas crianças.

É observado que as crianças não conseguem compreender seus motivos, ela fala baixinho e a máscara dificulta ainda mais sua fala e como forma de resposta a essa diferença de comportamento, outras crianças não se sentem à vontade para brincar junto. E assim toda essa situação que deveria estar sendo de prazer pelo retorno à normalidade torna-se, para Melina, uma pressão comprometedoras de suas relações sociais tão importantes e necessárias para seu desenvolvimento integral.

É visto que os profissionais em sala necessitam fazer um trabalho pedagógico

com Melina aos poucos para trazer consciência e deixar de usar a máscara. Sendo uma criança tímida e com pouca socialização, não só pela questão da máscara, mais por sua timidez, entender suas questões internas e saber de suas objeções e trazer alento para assim tentar tirar esse hábito que foi inserido por um momento atípico e assustou todos nós e hoje poder voltar a normalidade e ficar tranquila e sem máscaras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstrado neste trabalho acadêmico, podemos perceber a importância das relações sociais no contexto da educação escolar e diante do processo de ensino aprendizagem, o desenvolver e estimular para desencadear o progresso integral do próprio aluno de forma autônoma.

Com a técnica de observação e o olhar investigativo do professor, é possível alcançar níveis nunca pensados antes, elaborar processos de significação do conhecimento e quando analisada a relevância dessa relação, conseguimos repensar sobre os métodos de ensino aprendizagem, é avançar no quesito de ampliar o desenvolvimento integral do indivíduo, despertar seu interesse, internalizar o conteúdo, compreender os eixos transversais e assim ter uma prática bem-sucedida na escola.

As reflexões levantadas neste trabalho acadêmico tem o intuito de trazer para o conhecimento de todos, momentos vividos antes, durante e depois da pandemia.

Em instituição de educação infantil de um município da RIDE-DF, pude entender a singularidade de várias crianças em um contexto social cultural, e entender que dessa forma traz adversidades, contudo os professores, mesmo com poucos recursos, trabalham com toda dedicação, como em qualquer escola, dando o máximo de si.

Essa relação de professor e aluno, fortalece o desejo das crianças em ter uma vida de qualidade e com mais condições de vida, é na escola que elas acreditam que conseguirão superar todos os obstáculos. O professor é visto como herói, é super respeitado pelas crianças, o amor e a admiração são notáveis em seus olhares.

O mesmo podemos dizer das professoras e auxiliares em sala, observando o progresso dos alunos laudados com alguma especificidade, e trabalhando arduamente para o seu desenvolvimento, a buscar não somente seu progresso como estudante, mas também o seu desenvolvimento como ser humano como futuro cidadão a sociedade.

Em momento atípico, como foram as aulas remotas, os relatos das professoras, suas de dificuldades emocionais, baixa autoestima, pouco conhecimento tecnológico, falta de tempo dos pais para auxiliar às crianças em suas atividades escolares, relação família em um contexto interpessoal, crianças que não

conseguiram retornar a normalidade das aulas presenciais, outras muitas com problemas psicológico, pela falta de interação do convívio social da escola, e mais problemas psicológicos surgidos dentro de casa e falta de estímulos para aqueles que estavam fora do contexto escolar e em modo aulas online, problemas diversos que contribuíram para um retrocesso na educação.

Vimos também o esforço de todos os profissionais da educação, estudando assuntos sobre a tecnologia para assim poder dar suas aulas online, com ajuda ou não, mas sempre com esforço para inserir os estudantes de forma homogênea e não ficar sem aulas no momento da pandemia.

Buscar compreender todas as situações que possam interferir no contexto educacional, como foi o caso de Igor, inclusive assuntos para além da sala de aula.

Nesse contexto, ter empatia e entender a singularidade de cada pessoa, de cada criança, de cada professor é respeitar as diferenças, entender que cada indivíduo responde de uma forma. Compreender seu tempo de resposta para cada situação, como Romeu respondeu a volta às aulas híbridas e ao presencial e para poder se inserir de forma calma e tranquila ao meio educacional.

Potencializar momentos de reflexão e planejamento das práticas pedagógicas a fim de buscar o querer aprender, com socialização e interação entre os grupos. Como o caso de Melina, a fim de fazer mediações construtivas em uma prática bem sucedida do ensino-aprendizado.

Fortalecer as relações sociais escolares, ser cidadão ativos e controladores do seu emocional, a buscar o planejamento, o desenvolvimento integral do aluno para seu desenvolvimento no ambiente escolar dentro e fora, a fim de formar cidadão que possam ter consciência de seus atos e contribuir com uma sociedade ativa e resolver os problemas que surgem na vida adulta, e assim e juntos trazer progresso para uma sociedade com mais qualidade no ensino e equidade para todos. As reflexões nesse trabalho, portanto, buscam trazer a reflexão para a diversidade do contexto social que tem o potencial de favorecer mudanças na vida de todo o mundo.

Como dizia o autor Paulo Freire **"A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem"**.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

<<https://www.educacao.df.gov.br/uso-de-mascaras-nas-escolas-publicas/>>

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2021.

DE AQUINO, C. Como aprender: andragogia e as habilidades de aprendizagem. 1ª Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

Documento disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=227271-texto-referencia-educacao-hibrida&category_slug=novembro-2021-pdf&Itemid=30192. Acesso em: janeiro. 2023.

Documento disponível

em:<https://noticias.unb.br/artigos-main/6276-o-exemplo-do-butao>. Acesso em: março. 2023.

FREIRE, PAULO Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

GONZÁLEZ REY, Fernando. Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

Revista Brasileira de Informática na Educação, 2020. Disponível em: <<http://ojs.sector3.com.br/index.php/rbie/article/view/v28p985>>. Acesso em: 09, novembro e 2022.

TACCA. Maria Carmen V. Rosa. **Aprendizado e trabalho pedagógico**. Campinas-SP. Editora Alínea. 2008. 2ª edição.

Wilson Mazalla jr. Revisão de Textos. Guanabara – Campinas – SP. Vasconcelos, Tânia. A menina e as batatas: infância, filosofia, brinquedo e brincadeira. 2010.